

As expressões da devoção popular constituem um significativo elemento de compreensão do tecido social: da forma como os indivíduos se articulam para compreender e dar significado às relações com o tempo e o espaço, com o divino e o sobrenatural, com os símbolos e objetos de poder, com os saberes e práticas cotidianas, com o território, com o outro.

A capacidade que as formas de expressão religiosa têm de suportar sistemas de referência e de ordenamento social fazem com que ocupem lugar central em qualquer expressão cultural. Uma investigação sobre as devoções religiosas e místicas permite conhecer melhor a maneira pela qual os indivíduos e grupos se organizam para apropriarem-se culturalmente de um território e para atribuírem sentido à sua vivência coletiva. Em síntese, permite conhecer as referências culturais que identificam esses grupos.

O pressuposto fundamental deste projeto é entender as devoções populares como redes de construção da memória social coletiva, e consequentemente, como elementos referenciadores de bens culturais que são patrimônio da coletividade.

Nesta primeira etapa, o projeto Roteiro das Devoções em Goiás buscou o levantamento de informações preliminares e um primeiro esboço de documentação das Romarias identificadas por meio de entrevistas e fotografias.

As informações levantadas deverão constituir uma base de dados que permita referenciar inclusive espacialmente essas devoções religiosas no conjunto das representações culturais, identificando as marcas impressas por essas manifestações na cultura goiana e seu papel na construção da identidade e do patrimônio cultural regional.

Maíra Torres Corrêa
Historiadora
Coordenação Técnica – IPHAN-GO

Apresentação



Sempre que iniciamos um trabalho de pesquisa é como se entrássemos em uma mata fechada, e ao atravessá-la apresentássemos as informações coletadas ao longo da trilha. Nossa travessia, dentro da proposta do Roteiro das Devoções, não seria possível sem a ajuda de várias pessoas, as quais tivemos a felicidade de conhecer ao longo desses oito meses. Em Cavalcante/GO, agradecemos à Srta. Lucilene, Secretária Municipal de Igualdade Racial, Sr. Joaquim Mochila, Sra. Amirã e família, Sra. Edinólia e o folclórico Nivaldo, o Ni.

Na Romaria dos Carreiros, nosso obrigado ao Presidente da Associação de Carreiros do Estado de Goiás, Sr. João Coragem, também ao nosso guia, Sr. Zé do Salu e ao Sr. Zezinho Dentista.

Em Niquelândia/Muquém, agradecemos à Secretária Municipal de Cultura e Turismo, Sra. Priscila Madureira, ao Sr. Renêval Pires e também ao pesquisador Sr. Josmar.

A toda equipe do IPHAN, que soube de forma leve e descontraída orientar nossa equipe, para podermos atingir os objetivos da melhor maneira.

Fóton Arquitetura e Projetos

Agradecimentos



Kalungas

Romaria de Ns. Sra. do Livramento - Cavalcante/GO

Carreiros

Romaria de Carros de Bois de Damolândia - Trindade/GO

Muquém

Romaria do Muquém em Niquelândia/GO

Roteiro das Devoções em Goiás

INRC - Inventário Nacional de Referências Culturais

Levantamento Preliminar

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

Superintendência do IPHAN em Goiás

A identificação e inventário da Romaria de Nossa Senhora do Livramento, no Vão do Moleque (Comunidade Kalunga) em Cavalcante, da Romaria de Carros de Bois para a Festa do Divino Pai Eterno de Trindade e da Romaria do Santuário do Muquém em Niquelândia, não poderia deixar de refletir a diversidade existente entre as manifestações religiosas e culturais de regiões goianas com características distintas, mas que, pela sua especificidade rural, demonstram também afinidades. Se a princípio tínhamos a impressão de se tratar de um trabalho de pesquisa restrito a levantamentos bibliográficos e coleta de depoimentos isolados sobre as Romarias, o contato com quem vivencia a religiosidade das festas revelou a emoção e a felicidade dos romeiros expressando sua devoção e ajudando a preservar suas raízes.

Para executar este trabalho, procedemos seguindo as diretrizes do Inventário Nacional de Referências Culturais, contidas em seu Manual de Aplicação (IPHAN, 2002), com uma metodologia que cumprisse o preenchimento das Fichas e Anexos do INRC e que fosse executável em qualquer época do ano, uma vez na fase em que a pesquisa foi realizada, pudemos presenciar apenas a Romaria do Vão do Moleque na Comunidade Kalunga, que ocorre em setembro.

Desta forma, iniciamos pela pesquisa e catalogação de material de referência sobre estas procissões, que estão em guarda de instituições públicas (bibliotecas, institutos e museus) ou em instituições de ensino (universidades e centros de pesquisa). O material encontrado é apresentado no modelo da ficha Anexo – Bibliografia (A1F1), sendo preenchida uma ficha para cada uma das procissões. Após o levantamento documental e de referência, fizemos um contato prévio com pessoas identificadas como informantes sobre cada uma das manifestações. Agendamos a visita ao local de realização das Romarias, contatamos novos informantes e guias para percorrermos os trajetos dos romeiros. Estas pessoas constam na ficha Anexo – Contatos (F1A4), também sendo preenchido um formulário para cada uma das procissões. Foram gravadas entrevistas em áudio digital dos contatos que consideramos de maior relevância para o entendimento dos procedimentos, preparativos, participantes e períodos de ocorrência das romarias. As entrevistas foram discriminadas na Ficha de Campo – Registros Sonoros e Audiovisuais (FC2), sendo uma para cada entrevistado. Com o intuito de complementar as informações colhidas e apresentadas nas respectivas fichas do INRC, mostramos ainda algumas imagens ilustrativas captadas em campo, bem como um texto descritivo na forma de relato, baseado na experiência adquirida no processo de pesquisa, na de coleta de dados e na visita de campo.

Em cada uma das manifestações que pesquisamos encontramos um tipo de dificuldade e também uma especificidade na execução do trabalho. A Comunidade Kalunga foi nossa primeira incursão por coincidir o início dos trabalhos com a realização da Romaria do Vão Moleque, dedicada à Nossa Senhora do Livramento, São Gonçalo e São Sebastião, respectivamente dias 14, 15 e 16 de setembro. A princípio fomos recebidos com muita desconfiança pelo povo Kalunga, talvez por estarem passando por um momento bastante decisivo no processo de demarcação de suas terras, que recentemente foi aprovado pelo Governo Federal, após muitos anos de luta.

Introdução



A desconfiança foi se dissipando à medida em que conversávamos com as pessoas e explicávamos nossa função de elaborar um levantamento detalhado de sua festa religiosa para o órgão federal que pode salvaguardar suas manifestações culturais. Esse processo foi facilitado e muito, pela presteza do Sr. Joaquim Mochila, Presidente da Associação Kalunga de Cavalcante, que nos recebeu com muito entusiasmo e rapidamente compreendeu a importância do nosso levantamento para a sua comunidade. Ele nos foi apresentando às pessoas envolvidas com a festa e ambientando-nos na forma simples e coletiva de vivência do povo Kalunga nos dias de festa no Vão do Moleque. O contato com a comunidade foi importante, não apenas para uma compreensão da importância da Romaria para a comunidade, mas também para nos depararmos com as reais condições de realização da Festa, como a precariedade das condições de higiene, do problema que se agrava a cada ano com a poluição do córrego da região, a pouca atenção que é dada às crianças durante os dias de festa, inclusive com o perigo de acidentes com o aumento da circulação de carros e motos, o consumo de bebidas alcoólicas, a prostituição e todos os conflitos que o crescente acúmulo de pessoas alheias à comunidade pode acarretar.

Além dos pontos negativos, tivemos como entender o processo de realização da Festa do Vão do Moleque pela escolha do Imperador e dos seus ajudantes, os Mordomos, o papel da família e as atribuições que lhes são aplicadas durante todos os dias de festejos. Uma rede de funções e incumbências se forma e algumas decisões são tomadas em absoluto segredo para as pessoas estranhas à comunidade. Somente com muita insistência e com a boa relação que firmamos ali é que pudemos desvendar alguns mistérios sobre as funções de cada personagem do Império de São Gonçalo da comunidade Kalunga do Vão do Moleque.

Se não tivemos a felicidade de poder acompanhar as outras Romarias na época em que ocorrem (a dos carreiros em junho/julho e a do Muquém em agosto), fomos compensados com a boa receptividade com que nos receberam os nossos informantes de Damolândia e Niquelândia.

Quando procuramos os responsáveis pela organização da comitiva de carreiros que parte de Damolândia com destino a Trindade para a Festa do Divino Pai Eterno, o Sr. João Coragem, Presidente da Associação de Carreiros do Estado de Goiás, nos informou que aconteceria naqueles dias um encontro de carreiros em Damolândia para as festividades do aniversário da cidade. Agendamos de imediato as nossas entrevistas para a ocasião, que se concretizaram de forma muito produtiva e oportuna.

O Sr. João Coragem ressaltou que aquela reunião de carreiros representava muito bem a saída dos carros de bois para a Festa do Divino. E realmente, ali contatamos carreiros de todas as idades, e também mulheres que carreiam, as quais confirmaram a sua devoção pelo Divino Pai Eterno em depoimentos emocionados e apaixonados pela complexa atividade que envolve manter um carro de boi. Encontramos pioneiros que ainda fabricam os carros, apesar desta atividade estar se tornando muito difícil pela falta de madeira e de mão-de-obra qualificada na fabricação de alguns acessórios. Encontramos agricultores que ainda usam o boi como força de trabalho na roça e jovens que fazem questão de aprender com os mais velhos a arte de carrear para não deixar que esta tradição se perca com o tempo e os avanços da modernidade.



Introdução

Ao percebermos que estavam ali reunidos carreiros de diferentes localidades, constatamos que a Romaria dos Carreiros não se limita aos que saem de Damolândia em direção a Trindade, mas de todo o entorno daquela região, sendo que alguns chegam a percorrer mais de 200 quilômetros na procissão. Realmente os carreiros de Damolândia conquistaram um maior destaque na mídia pela sua organização para o evento e pela municipalidade ter incorporado a alcunha de “capital do carro de boi”, título que é rejeitado por alguns moradores, mas que de modo geral é bem aceito e motivado pelas lideranças políticas e órgãos públicos.

Contamos com a enorme colaboração do Sr. José do Salu, um carreiro de antiga tradição familiar, um dos pioneiros de Damolândia, que ajuda a organizar a comitiva para a Festa do Divino. Ele percorreu conosco o trajeto que é feito pelos carreiros até a chegada em Trindade. Pelo caminho o Sr. José nos explicou tudo sobre a Romaria dos Carreiros, principalmente as dificuldades que vêm enfrentando a cada ano para manter a tradição. Um dos entraves cruciais com o qual nos deparamos foi a questão dos pontos de pouso para os romeiros: com a constante diminuição das pastagens e locais de água corrente, os carreiros estão tendo muita dificuldade de realizar o trajeto de 60 quilômetros entre os dois municípios, uma complicação que nos pareceu de difícil solução e que tende a se agravar com o quadro atual de movimentação no campo.

Essas duas Romarias (a dos Kalunga, e a dos carreiros) possuem características bastante específicas, em comparação com a Romaria do Muquém, por serem uma manifestação de fé mais tradicional na forma de procissão. Mesmo assim, a fantástica grandiosidade que a Romaria do Muquém vem tomando nos últimos tempos, em que se tem calculado um número em torno de 200 mil visitantes ao Santuário de Nossa Senhora d'Abadia do Muquém, já sendo considerada por algumas fontes como a maior do Brasil, traz muitas peculiaridades e problemas para a realização da festa.

Obtivemos, como anteriormente, bons informantes e colaboradores na pesquisa e na realização das entrevistas sobre a Romaria do Muquém. Ressalta-se o interesse da atual administração municipal em valorizar e divulgar as manifestações culturais da região. Com esta percepção fomos prontamente atendidos pela Secretária Municipal de Cultura e Turismo, a Sra. Priscila Madureira, que nos disponibilizou um guia, especialista nas atividades turísticas e festividades da região de Niquelândia, o Sr. Renêval. Além de bom conhecedor da história da Romaria do Muquém, ele nos ajudou a localizar os principais envolvidos na realização da Romaria do Muquém, ele nos ajudou a localizar os principais envolvidos na realização desta peregrinação, e percorreu conosco o trajeto de 45 quilômetros, pela “Rodovia da fé”, até o povoado do Muquém, local do Santuário de Nossa Senhora d'Abadia. Na administração do local, fomos entrevistar o Padre Aldemir Franzin, que é o Reitor do Santuário, responsável por toda a organização da Festa de Nossa Senhora d'Abadia, que ocorre em agosto. Vale ressaltar que em nenhuma das outras duas manifestações tivemos tão boa receptividade por parte de um membro da Igreja. O Pe. Aldemir se mostrou ser conhecedor das questões que envolvem as manifestações culturais de natureza imaterial e as festas religiosas, além da preocupação constante com a organização da Romaria e todas as questões que envolvem a realização da festa. Além da parte

Introdução



litúrgica, o Reitor do Santuário cuida de toda infraestrutura para receber os romeiros, como a limpeza e manutenção da área dos acampamentos. Com o crescente comércio que se instala na área do Santuário, e o funcionamento dos bares até certa hora da noite (recentemente foi restringida a venda de bebidas alcoólicas), também o pároco tem tomado providências quanto ao crescente número de delitos, além de outras preocupações advindas do aumento constante de romeiros.

Assim, de modo geral, pudemos perceber que existem sérias implicações comprometendo a continuidade dessas manifestações religiosas, que são provenientes de suas especificidades quanto à infraestrutura, acessibilidade, segurança e outras questões. Quanto às transformações por que vêm passando ao longo dos anos, e mais aceleradamente com o aumento do interesse pelas manifestações culturais no aspecto turístico e comercial, percebemos a necessidade de alguma forma de fomento, apoio e salvaguarda, não só para evitar que se percam, mas sobretudo para que se consiga manter o seu caráter religioso.

Introdução



Kalungas

Romaria de Ns. Sra. do Livramento - Cavalcante/GO

Carreiros

Romaria de Carros de Bois de Damolândia - Trindade/GO

Muquém

Romaria do Muquém em Niquelândia/GO

Roteiro das Devoções em Goiás

INRC - Inventário Nacional de Referências Culturais

Levantamento Preliminar

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

Superintendência do IPHAN em Goiás





chegamos em Cavalcante na manhã do dia 10 de setembro, dirigimo-nos primeiramente para o CAT - Centro de Atendimento ao Turista do município. Ali obtivemos as primeiras informações sobre a Romaria do Vão do Moleque com o atendente Leonor dos Santos Rosa, conhecido por Nonô, que é oriundo da comunidade Kalunga. Coincidentemente, Nonô é irmão da atual Secretária de Igualdade Racial do município, Lucilene dos Santos Rosa, que foi a pessoa indicada para nos dar os primeiros encaminhamentos sobre a Romaria.

Fomos prontamente atendidos pela secretária, que nos concedeu uma entrevista e indicou-nos para o senhor Joaquim Moreira dos Santos, conhecido por Joaquim Mochila, atual presidente da Associação Kalunga de Cavalcante (AKC).

O Sr. Joaquim foi muito solícito conosco, recebendo-nos em sua casa para a realização da entrevista, e se dispôs a nos conduzir até o Vão do Moleque, local de ocorrência da festa. As suas informações foram muito úteis para aprimorarmos o nosso conhecimento sobre o evento. Porém fomos informados que a festa propriamente dita, em louvor à Nossa Senhora do Livramento, ocorre entre os dias 14 e 16 de setembro, e não a partir do dia 10 como, nos havia sido informado. A confusão se justifica porque é no décimo dia do mês que os Kalunga iniciam os preparativos no local da festa, que exigem muito trabalho.

Saímos de Cavalcante antes de amanhecer, acompanhados pelo Sr. Mochila, e mais uma integrante da comunidade, pela estrada vicinal que contorna a serra até o local onde ocorre a Romaria do Vão do Moleque, cerca de 140 km de Cavalcante. Como o Sr. Mochila é um dos representantes da comunidade Kalunga na região, esse trajeto foi marcado por diversas paradas, onde ele deixava recados e entregava encomendas, o que nos proporcionou uma visão mais real do estilo de vida daquelas pessoas. À medida que nos aproximávamos do local da festa, o Sr. Mochila nos explicava o significado de ser Kalunga e o sentido da Romaria.

Na entrada do local se encontram duas das três únicas construções em alvenaria do lugar: a escola, o banheiro comunitário e a capela. Trata-se de um pátio em formato retangular, em terreno inclinado, com a capela na parte mais alta e a casa, ou barracão do Imperador da festa no lado oposto, ladeado por diversos ranchos mais simples que servem de abrigo aos romeiros durante todo o período do festejo.

Ali pudemos compreender por que a festa é denominada de Romaria. Na verdade, os habitantes da comunidade saem de suas casas, de seus sítios, de suas roças, até mesmo de outras cidades, e partem em romaria para o local onde se encontra a capela. Todos os preparativos se iniciam no dia 6 de setembro, com a novena aos santos padroeiros da romaria: São Gonçalo, Nossa Senhora do Livramento e São Sebastião. A festa também é caracterizada pelo levantamento do mastro de São Gonçalo ao fim da novena, ou seja, dia 14; o levantamento do mastro de Nossa Senhora do Livramento, no dia 15; e o levantamento do mastro de São Sebastião, no dia 16, quando também se inicia o Império de São Gonçalo. Os moradores mais próximos do local da capela costumam ir aos poucos para prepararem os seus ranchos, uma vez que estes ficam abandonados durante todo o ano. Os que moram mais afastado vão alguns dias antes para fazerem seus preparativos.

Roteiro das Devoções em Goiás

INRC - Inventário Nacional de Referências Culturais
Levantamento Preliminar



Também no dia 6 iniciam-se os preparativos para a festa que vai ser de responsabilidade do Imperador, escolhido no ano anterior, e de sua família.

Por meio dos depoimentos dos nossos primeiros contatos pudemos identificar os principais personagens da Romaria do Vão do Moleque, que são: os responsáveis pela novena, como os rezadores e o “zelador” da capela, os responsáveis pelo Império de São Gonçalo, como o Imperador, a sua família, os “mordomos” que auxiliam o Imperador em suas obrigações, o “alferes” e o “espadeiro”, os comerciantes, o padre e os visitantes em geral.

Os ranchos são de palha e adobe, geralmente compostos por varanda, quarto e cozinha, onde constroem um fogão suspenso feito de barro. Alguns moradores levam colchões, redes, painéis e mantimentos. Outros, que aproveitam a realização da festa para comercializar alguns produtos, como bebidas e alimentos, levam também geradores de energia, geladeiras e fogões.

O local da festa parece ser o lugar destinado à permanência dos membros da comunidade, pois cada família tem o seu rancho já estabelecido e todos os anos os moradores voltam para o mesmo lugar. Ao questionarmos se havia a possibilidade de alguém se instalar no rancho de outro, um membro da comunidade nos informou que isso não ocorre. Quando o dono do rancho não vai utilizá-lo, pode cedê-lo ou alugá-lo para que outro o ocupe. Os visitantes ou turistas são instruídos a ficar acampados nas proximidades dos rios próximos ao local da festa, sob a alegação de que assim podem ter mais sossego e dormir sem barulho. A despeito disto, fomos encaminhados pelo Sr. Mochila a nos instalar próximo ao rancho de Dona Amiram, famosa por servir refeição nos períodos de festa. Armamos barraca na área que seria os fundos do seu “restaurante”, e ali fomos tratados com muita presteza. A alimentação básica do local é arroz, feijão, alguma carne cozida, frango, guariroba e salada de repolho e tomate. Bebe-se água ou refrigerante, mas como apenas alguns lugares possuem energia elétrica, não costumam estar gelados. Na festa consome-se muita bebida alcoólica, especialmente as destiladas, aguardentes e raizadas, além da cerveja vendida nos bares montados em alguns ranchos.

Realizamos as entrevistas com os responsáveis pela organização da festa, bem como o registro fotográfico desses personagens, do local e das atividades dos Kalungas nesses dias do evento. O fato de termos chegado com certa antecedência no local da festa não se revelou de todo mal, pois assim pudemos conversar com as pessoas com calma, e ainda sem o barulho dos geradores e da música em alto volume. Apesar disto, sentimos a necessidade de nossa permanência no local pelo menos um dia a mais do que o previsto, para que pudéssemos acompanhar a procissão em volta da capela com as lamparinas de cera de abelha, o levantamento do primeiro mastro, a “folia” realizada após o levantamento do mastro com o batuque e a dança da “sussa”. Importante destacar que pudemos acompanhar todos os preparativos dessas atividades, bem como a preparação dos ranchos e das comidas, a instalação dos comerciantes, o enfeite da capela e do rancho do Imperador, a chegada dos romeiros – que vinham de caminhão ou a cavalo – a queima de fogos, o preparo dos mastros, a movimentação no córrego, etc. Consideramos ter realizado a contento o levantamento preliminar da Romaria de Nossa Senhora do Livramento na comunidade Kalunga do Vão do Moleque, com as entrevistas e o registro visual da Romaria do Vão

Roteiro das Devoções em Goiás

INRC - Inventário Nacional de Referências Culturais
Levantamento Preliminar



do Moleque, pois conseguimos falar com todos os principais envolvidos na realização do evento. Estando satisfeitos com o que conseguimos apurar em termos do entendimento de como a festa se desenrola desde os primeiros preparativos, os dias de novena e os derradeiros três dias, decidimos retornar para Goiânia na manhã do dia 15, terça-feira, com a certeza de que voltaremos àquele lugar outras vezes.

Roteiro das Devoções em Goiás

INRC - Inventário Nacional de Referências Culturais
Levantamento Preliminar





Rezadores na capela do Vão do Moleque



Rancho típico da festa ao por do sol



Senhora Kalunga dançando a "Sussa"



Romeiros acompanhando procissão de São Gonçalo



Nivaldo, Kalunga folclórico



Mulher Kalunga com filha



Crianças Kalungas



Mulher Kalunga retornando do rio com cacimba típica



Entrevista com o Kalunga Joaquim Mochila



Vista geral do local da festa